

006ª AUDIÊNCIA PÚBLICA 13SET2012

Pauta: Debater a Construção de Bacia de Amortecimento na Praça Joaquim Leite, no Bairro Três Figueiras.

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS (José Luiz Espíndola Lopes): Senhoras e senhores, boa noite. Neste momento, na presença do Presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre, Ver. Mauro Zacher, damos início a Audiência Pública com o objetivo de debater a construção de Bacia de Amortecimento na Praça Joaquim Leite, no bairro Três Figueiras. Passamos a leitura do Edital: (Lê): “O Presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre, no uso de suas atribuições legais, comunica à comunidade porto-alegrense a realização de Audiência Pública, dia 13 de setembro de 2012, às 19h, no Colégio Farroupilha, localizado na Rua Carlos Huber, 425, no bairro Três Figueiras, com o objetivo de debater a obra acima referida”. Gabinete da Presidência, 27 de agosto de 2012. Vereador Mauro Zacher, Presidente.

Passamos a composição da Mesa desta Audiência. Convidamos para compor a Mesa: o Ver. Carlos Todeschini; o Ver. Beto Moesch; a Sra. Denise Cantarutti, representante do DEP; o Sr. Alfredo Artur Dörn, representante do DMAE; o Sr. Waldir Bronzatto, representante da Associação do bairro Três Figueiras. Prestigiam esta Audiência Pública, os alunos de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; o Sr. Fernando Dalmolin Ferraz, representante da AMATRES; o Sr. Luiz Filipe de Oliveira, representante da Associação dos Moradores da Chácara das Pedras; e senhores representantes das demais Associações. Ver.^a Sofia Cavedon, convidamos-na, por favor, a compor a Mesa dos trabalhos.

Passamos a palavra ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre, Ver. Mauro Zacher.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Boa noite a todos, muito obrigado pela presença. Nós estamos, então, iniciando esta Audiência Pública que foi solicitada pela Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Três Figueiras, com a intenção de debater a construção de Bacia de Amortecimento na Praça Joaquim Leite, no bairro Três Figueiras, a qual tem realizado Audiências Públicas por diversos bairros, tentando construir o bom

diálogo, quase sempre com a presença do Executivo, quando é necessário, para que possamos, de maneira isenta e transparente, construir alternativas e principalmente, poder informar à população dos Projetos que se avizinham, dos Projetos que estão por vir para aquela comunidade. Eu queria citar, mais uma vez, a presença dos meus colegas Vereadores, a do Ver. Carlos Todeschini, Vereador que encaminhou, junto com a Associação, à Mesa Diretora que nós realizássemos esta Audiência Pública devido à importância do assunto; a da Ver.^a Sofia Cavedon, e do Beto Moesch. Enfim, ao longo da nossa Audiência nós iremos então citando outras Lideranças presentes. Estou aqui ao lado da Sra. Denise, Diretora do DEP em exercício, a quem agradeço pela presença, pela exposição de poder dividir conosco algumas informações. Há toda uma formalidade para realizarmos esta Audiência Pública: está aqui ao meu lado esquerdo as nossas duas taquigrafas que irão registrar os pronunciamentos na noite de hoje; também aqui, o Sandro, o nosso Assistente Legislativo, que irá fazer as inscrições. Então, nós abriremos dez inscrições. São cinco minutos para fazer as suas manifestações, podem se inscrever com Sandro. Então, será feita uma primeira apresentação e, depois, as manifestações. A requerente, a Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Três Figueiras, também irá se manifestar; posteriormente, abriremos 10 inscrições, que serão intercaladas com os moradores que queiram se manifestar.

Então, eu gostaria de passar, de imediato, a palavra a Sra. Denise, Diretora em exercício do DEP, para que possa fazer a sua apresentação inicial. Posteriormente, Denise, tu terás tempo para responder a perguntas, dúvidas que ficarem durante a nossa Audiência Pública. Muito obrigado.

A SRA. DENISE CANTARUTTI: Boa noite a todos, nós estamos implantando todo um sistema de drenagem neste Bairro e nesta Região. Esse sistema já é estudado há bastante tempo, as obras que estão sendo executadas foram previstas no Plano Diretor de Drenagem Urbana da Bacia do Arroio da Areia, contemplando as bacias de abastecimentos e redes complementares com a adequação da capacidade das redes já existentes. Vocês sabem que as obras de drenagem têm um custo bastante elevado, então, foi montado um planejamento em cima disso. Ao longo do tempo, em que se foram conseguido os recursos, foram se estabelecendo cronogramas para execução dessas obras. A Bacia do Arroio da Areia é uma região bem complicada quanto à topografia e

quanto à urbanização, pois é uma região bem urbanizada e não foi feita a previsão de drenagem adequada. Então, agora, nós temos que fazer tais obras para minimizar esses impactos. Todos aqui já sabem – isso já foi amplamente falado – que nesta Região já houve, inclusive, mortes em função de alagamentos. Então, nós consideramos que essas obras são fundamentais para a qualidade de vida, eu diria até para circulação e para as pessoas que residem no Bairro. Eu gostaria de me manifestar mais detalhadamente em relação às obras, depois ouvir o que as pessoas têm para dizer, porque acho que as pessoas já estão bem por dentro. Nós já conversamos com a Associação de Moradores. Esse assunto é discutido desde 2001, e eu trabalho no DEP desde 2005, e em 2005 nós já tivemos audiências e debates com a comunidade. Então, eu gostaria de ouvir qual é a demanda atual que está sendo discutida. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Vamos passar, de imediato, ao representante da Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Três Figueiras, Sr. Waldir Bronzatto.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Passamos a palavra para o Sr. Fernando Dalmolin Ferraz, Vice-Presidente da Associação.

O SR. FERNANDO DALMOLIN FERRAZ: Boa noite a todos; boa noite à comunidade, mais especificamente da Chácara das Pedras; às autoridades presentes, uma preocupação antiga, como foi referido pela Denise, são as águas. Realmente, não houve esse planejamento da drenagem do nosso Bairro, então, os alagamentos são muito perigosos para os moradores em dias de chuva, principalmente para aquela parte baixa do Bairro, nas proximidades da Av. Nilo Peçanha, da Rua Teixeira Mendes, da Av. João Wallig, então, esse assunto já é discutido há bastante tempo. Antigamente, a comunidade não queria, não era essa saída que se buscava, por meio de bacias; a comunidade queria outras saídas, como o redimensionamento da rede, ou seja, outras sugestões. A Prefeitura acabou colocando essa solução das bacias de contenção e amortecimento, só que houve, como condição, a colocação de aparadores que teriam que ser feitos pelo DMAE, para não entrar esgoto cloacal nas bacias, senão, seria uma bacia que

armazenaria esgoto, e na hora das chuvas. Então, foram feitas, na época, há uns dois anos, essas redes no bairro Chácara das Pedras. No ano passado, a gente tem informação que iniciou – não se sabe em que pé estão as obras –, no bairro Chácara das Pedras, as obras dos separadores, que seriam feitos pelo DMAE. Na oportunidade, na reunião que fizemos em 2010, se não me engano, no Colégio Farroupilha, ficou claro isso: que não tinham sido feitos, pelo DMAE, os separadores, até aquele momento, e já havia sido inaugurada uma bacia, a bacia da Praça Celso Luft. Então, essa é a nossa preocupação: fazerem mais uma obra, mais uma bacia. Uma bacia foi inaugurada, e ela estava inoperante, aquela bacia da Praça Celso Luft, a informação que se tinha era esta. Estão fazendo uma nova bacia, mas foram feitos separados ou não foram feitos; ela vai ser efetiva; essa rede que está sendo feita, vai ser suficiente, vai ser necessária para conter as águas da chuva, para amenizar esse problema? Queremos que essas explicações sejam dadas hoje. Esses investimentos altíssimos que estão sendo feitos, se vão dar resultados, se não vão dar? Naquela oportunidade, da reunião no Colégio Farroupilha, nós deixamos combinado que seríamos avisados das obras, porque são obras de altíssimo impacto. São duas praças que a comunidade perdeu, provisoriamente, e mais algumas ruas, e não, a comunidade não foi avisada previamente, nem a Associação, simplesmente, botaram máquinas, fizeram buracos na Praça Joaquim Leite, e tivemos que nos socorrer dos Vereadores Sofia Cavedon e Carlos Todeschini, para nos auxiliar, porque, senão, nem uma faixa nas praças iriam colocar; nenhuma proteção. Eu tive que falar com o empreiteiro para ele colocar, senão, era capaz de uma criança cair naqueles buracos que fizeram, abruptamente, na Praça Joaquim Leite, há alguns meses. Então, esta é a preocupação: a falta de comunicação do que está sendo feito, do que vai ser feito, da efetividade dessas obras, porque os problemas continuam. Essa bacia na Praça Celso Luft foi inaugurada, e os problemas persistem, senão piores do que estavam. São respostas que nós queremos obter hoje do DEP, do DMAE e da Prefeitura como um todo. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Obrigado, Fernando. Eu quero registrar a presença do Capitão Sergio Augusto Rocha, representante da Brigada Militar, e do Sr. Lourivaldino, representante do Quilombo Silva.

O Sr. Felipe de Oliveira, da Associação dos Moradores da Chácara das Pedras, está com a palavra.

O SR. FELIPE DE OLIVEIRA: Boa noite, senhoras e senhores; Srs. Vereadores, Sras. Vereadoras; Sr. Presidente da Câmara, Mauro. Primeiro, eu gostaria de ouvir mais do Projeto, mas mesmo assim eu me manifesto agora. Eu gostaria, primeiro, de me inteirar mais do Projeto, até porque a gente, como a Denise falou, se reúne aqui desde 2001 para tratar desse assunto, e é um assunto muito sério, porque, realmente, já morreu gente, e é muito perigoso. Eu morava ali pertinho onde havia as inundações, na Rua Teixeira Mendes, e é um assunto muito crítico. E nós temos a lamentar, pois combinamos uma coisa, e fizeram outra. Eu lembro que questionamos essa história da bacia coberta, fechada, porque a gente sabe que isso requer uma manutenção que nunca vai ser feita! Nós conhecemos Porto Alegre, nós sabemos como funciona a nossa Cidade; uma bacia fechada, com esgoto misto – porque esse esgoto, mesmo que se faça a separação, ele vai vir com muita sujeira, com dejetos de animais e vai se depositar ali -, e aquilo fechado, por favor! A gente sabe que não vai ter manutenção, e essa bacia vai ter sérios problemas, e ela é muito mais cara. Eu lembro que quando combinamos, a ideia era fazer mais bacias, menores e abertas, porque é perfeitamente viável, é mais barato, é quase um terço, ou um quarto do valor. Muito mais barata, mais eficiente; será mais rápida a soltura da própria água retida, se for bem planejada, e bem estruturada. Porque não adianta, a gente não tem como escapar. O pessoal acha que é melhor não fazer bacia, mas não tem como escapar, porque depois que for feita a impermeabilização, e depois que se construiu em cima de onde era um arroio, a gente vai ter que tomar as medidas cabíveis, porque sabemos que água vai continuar vindo por ali, e ela começa lá em cima na Av. Protásio Alves, é uma bacia enorme. Então, tem que ser feita essa contenção de cheias. Aliás, depois desse tempo todo, já faz onze anos, já podia estar tudo pronto, porque isso aí é um sistema de contenção de cheias. Não adianta fazer uma, um elefante branco enorme, coberto, que nem está operando ainda, como não cumpriram a ideia de separação de esgotos, que teria que ser anterior à execução da bacia, e parece que as coisas vão surgindo aos pedaços, mas é um sistema de contenção. Desde lá da Av. Protásio Alves tem que vir fazendo todo um sistema integrado para funcionar, porque não adianta depois, uma bacia sozinha fechada, que será um antro de doenças. Aí eles

dizem: “Se for descoberta, as crianças vão querer tomar banho quando estiver cheio”. Bom, é um problema que teremos, mas pelo menos estaremos vendo; assim fechada, as crianças nem vão tomar banho, mas (Problemas técnicos no som.) vão entrar, vão quebrar grades, darão um jeito de mergulhar quando estiver no perigo máximo, porque gurizada é gurizada, nós sabemos que não temos como controlar, é muito melhor estarmos vendo. E também, nós estaremos vendo se ela for toda descoberta como ela está se comportando, que tipo de material, o que tem que ser limpo, e vendo, nós solicitaremos; sem vermos, fica complicado. Eu me lembro que tínhamos combinado – não sei se tu participaste daquela primeira reunião dele, eu participo de todas há muito tempo, essa é a vantagem de o “cara” estar velho, o “cara” se lembra de tudo. Então, nós estamos vendo um elefante branco, que deve ter custado os “tubos”, então, esse valor já daria para fazer quase o sistema todo se elas fossem descobertas; daria para ter executado tudo e já estaria resolvido o problema. Mas não, as coisas vão se arrastando, arrastando, e não nos prestam contas, porque a gente pedia sempre: vamos manter contato, vamos conversar. Na época eu era Presidente da Associação dos Moradores, eu me lembro que a Bete... Cadê a Bete? A Bete chegou aí. Bete, eu te pedia: Vamos falar com esses caras ou não vamos?, e a Bete dizia: “Eu já falei com eles, mas eles dizem que não adianta, porque é assim mesmo, porque vai ser...”. Isso é uma pena, é uma lástima que seja assim; não era para ser assim, nós tínhamos que ter mais diálogo. Até porque, nós também estudamos isso, nós sabemos, nós estudamos bacias de contenção, isso é uma coisa que nós podemos certamente debater melhor com esse dinheiro todo que foi gasto naquele elefante branco que está ali, inoperante, nós poderíamos ter feito o sistema todo. Por enquanto é isso. Eu gostaria depois de mais subsídios. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): O Sr. Alfredo Artur Dörn, Diretor de Gestão e Desenvolvimento do DMAE, está com a palavra.

O SR. ALFREDO ARTUR DÖRN: Senhoras e senhores moradoras, Vereadora, Vereadores, autoridades, senhoras e senhores, o DMAE tem sob sua responsabilidade realmente a execução da rede separadora de esgoto, separador absoluto, que seria uma rede que teria a finalidade de coletar os efluentes sanitários que são produzidos nas residências. Dentro dessa ótica e dentro da programação já existente e programações

futuras, o DMAE executou, sim, a rede de esgotamento sanitário do bairro Três Figueiras e tem executado a rede de esgotamento sanitário do bairro Chácara das Pedras, até porque é uma solicitação do OP de 2003. Então, as redes estão executadas. Como são essas redes? As redes são tubulações interligadas por postos de visita, e na frente de cada residência é deixada uma caixa auxiliar de calçada – a famosa CAC. O que é essa caixa de calçada? Essa caixa de calçada é o ponto de reunião do público, ou seja, das obras do DMAE, da Prefeitura, com o particular, que seriam as residências dos moradores dos dois Bairros, no caso citados, e dos demais bairros e residências de Porto Alegre. O morador tem que conduzir o seu efluente cloacal até essa caixa de calçada. A partir da caixa de calçada, o DMAE se responsabiliza pelo efluente, o conduz para tratamento e, depois de tratado, lança no Lago Guaíba. Então, uma coisa que ocorre é uma certa dificuldade de que essas ligações sejam feitas. Na medida em que não sejam feitas, por mais que se fale em despoluir – se é que isso é possível no pluvial – ele não será despoluído. Então, todos nós, DMAE, moradores, associações que aqui se manifestam oportunamente, temos que nos conscientizar que para a rede separadora de esgoto absoluto funcionar há necessidade de que as pessoas se liguem à rede; se isso não for feito, o sistema não funciona por mais que falemos. Eu não sei se haveria alguma pergunta específica, Vereador.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Eu peço que mantenhamos a nossa formalidade, todos podem se inscrever. O Sandro está aqui inscrevendo; todos têm o direito de vir aqui fazer sua pergunta e depois da apresentação do DEP e do DMAE, eles terão tempo para responder a todas as perguntas, porque, se eu abrir todos vão querer perguntar e nós vamos perder o controle, quem quiser fazer perguntas, se manifestar, inscreva-se aqui ao lado.

O SR. ALFREDO ARTUR DÖRN: Presidente, encerro a minha fala por aqui, dizendo que as redes separadoras estão presentes e possíveis de utilização. E todo o esgoto coletado será conduzido à Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) São João/Navegantes, para

tratamento, que hoje tem uma capacidade suficiente para acolher esses efluentes. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): O Ver. Carlos Todeschini está com a palavra.

O SR. CARLOS TODESCHINI: Eu pedi para falar agora porque penso que nós temos que ir ao foco. A gente não tem que ficar aqui muitas horas conversando sobre um problema que já está aí presente – alguém falou aqui – desde 2003, obra do Orçamento Participativo. Eu estava naquela reunião, onde foi feita uma tratativa de que as bacias só seriam implantadas depois de realizar a separação total dos esgotos. Isso que foi tratado lá em 2003! Eu era Diretor-Geral do DMAE e o Ferronato era Diretor do DEP. Agora, eu não consigo entender, porque aqui foi dito que foi feita a rede separadora pelo DMAE, e a regra sempre foi esta: quando a rede tem que ser adequada ao sistema separador absoluto, a responsabilidade de fazer as conexões é do DMAE! Então, do que adianta fazer a rede e não ligar? Foi isso que aconteceu! É um absurdo! Isso é uma violência porque já se passaram, de 2003 a 2012, pelo menos nove anos! Evidente, eu concordo com o Felipe, a Bacia de Amortecimento é uma alternativa, sim, viável, mais barata, mas ela tem que ser operada adequadamente. Ela não pode receber (Problemas técnicos no som.) em primeiro lugar, de forma alguma! Essa era a tratativa que havia sido feita por mim e pelo Ferronato, junto com a comunidade, em 2003! O Beto Moesch estava presente naquela reunião – eu lembro que tu estavas lá, Beto!

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

O SR. CARLOS TODESCHINI: Foi, sim! Foi porque eu deixei isso!

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

O SR. CARLOS TODESCHINI: É. Exatamente!

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Gente, eu vou garantir a palavra ao orador.

O SR. CARLOS TODESCHINI: Segunda questão: a Bacia de Amortização é uma obra importante, mas ela não pode ser coberta, porque bacia que é coberta não tem como limpar, ainda mais numa Cidade como a nossa, que tem muitas árvores, que tem matéria orgânica, que caem flores, que caem folhas, que tem lodo de praças que é arrastado para dentro! Não tem como fazer uma manutenção, porque vai criar um lodo que vai ser um criatório de mosquitos! Deixa-se aberto porque é visível e fácil de limpar! E agora eu fui lá ver, e a Bacia está coberta, está com uma laje por cima! Então, além de ser uma armadilha, uma arapuca, é um equipamento que se torna oneroso e de difícil manutenção.

Terceira questão: são obras impactantes, obras importantes e necessárias, sim, para a Cidade, mas a comunidade aqui não sabe praticamente nada do que se passa, porque o DEP simplesmente não informa! O DEP não tem informado às pessoas, não se tem informações nem do DEP e nem do DMAE. E é para isto que se presta esta Audiência Pública: para fazer com que... Ninguém está aqui contra a obra e ninguém é contra a realização de obras, nem de saneamento, nem de amortização de enchente, nem de nada. Agora, ela tem que respeitar também a vontade da comunidade! E obras desse tamanho, desse impacto, exigem a realização de Audiência Pública de licenciamento ambiental, coisa que já nos aconteceu. E, portanto, nós temos aqui uma série de atropelos, uma série de equívocos que estão causando prejuízos à comunidade porque essas coisas não foram cumpridas. Ora, em oito anos não fazer as ligações de esgoto? Não dá! Até por que a rede está lá completamente obsoleta! Tem a Estação de Tratamento aqui no bairro Navegantes, onde os esgotos não estão sendo lançados. Está sendo lançado onde? No sistema pluvial para dentro da bacia quando chove, criando mosquitos, criando mau cheiro, criando transtornos e problemas para a comunidade. É disso que se trata! E nós queremos sair daqui, hoje, com esses assuntos passados a limpo pelo DEP e pelo DMAE, porque a comunidade tem todo o direito de exigir aqui que o Poder Público responda aos direitos ambientais dessa comunidade. Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Obrigado, Ver. Todeschini. Eu quero saudar a presença do Presidente da Associação dos Empresários da Zona Leste de Porto Alegre, o Sr. Rodolfo Landgraf. Muito obrigado por sua presença.

A Sra. Daniela Benfica, servidora do DEP, está com a palavra.

A SRA. DANIELA BENFICA: Boa noite a todos. Eu sou servidora estável do DEP desde janeiro de 1999; sou engenheira civil com mestrado em Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental, com defesa de tese especificamente em Drenagem Urbana. O Todeschini me conhece, eu fui estagiária no DEP, quando os diretores-gerais eram a Lenora Ulrich e o Vicente Rauber. Comecei a ser engenheira formal do DEP como CC do Diretor Augusto Damiani; depois passei no concurso e depois trabalhei com o Diretor Ferronato e agora com o Diretor Ernesto. Não tenho absolutamente nenhum vínculo partidário, não tenho e nunca terei. E estou me sentindo uma idiota aqui, porque participo dessas reuniões desde 1999, quando nós fizemos o Plano Diretor de Drenagem. Diga-se de passagem, vários que estou vendo também. O Raul Campezzatto, que não levantou a mão, também! O Beto Moesch, que não levantou a mão, também! E muitas outras pessoas que não estou vendo aqui: o Osório, a Cristina, o Edgar e outros que não lembro o nome.

A proposta inicial do Plano Diretor de Drenagem – eu não estou representando o DEP, quem o representa é a Diretora Denise, que não estava na época e que talvez não possa falar com tanta propriedade; estou falando aqui como pessoa física e vocês podem ver pela minha voz que estou muito indignada! -, elaborado pela administração do PT, muito bem elaborado, diga-se de passagem, foi a primeira iniciativa no Brasil de elaboração de Plano Diretor de Drenagem, que começou com nosso colega Augusto Damiani, dentro do DEP, num convênio com o Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS, que é a mais renomada Instituição do Brasil de drenagem urbana, na área de Recursos Hídricos; foi feito um convênio com baixo custo e a primeira bacia hidrográfica escolhida foi a do Arroio da Areia. Por quê? Porque sempre foi a nossa prioridade, porque era onde morriam pessoas. Eu era uma jovem de 26 anos, na época, e entrei no DEP trabalhando nesse Projeto. E a solução proposta, já devem conhecer, foi o Reservatório de Detenção, que era uma novidade, que ninguém no Brasil havia implantado, a não ser o Maluf, com os piscinões, em São Paulo, que obviamente teve muitos entraves no início, foi muito criticado. A comunidade local apresentou várias propostas de engenheiros que moram na Região, inclusive já trabalharam no DEP e no DMAE – citei o Campezzatto e o Edgar. Nós analisamos todas as propostas; nós tivemos “n” reuniões. Eu tenho um arquivo lá... É que eu achei que a pauta desta reunião de hoje seria a obra especificamente, como foi

levantado sobre o buraco, que não houve aviso... Eu achei que a pauta era essa, então eu não trouxe o meu arquivo que tem fotos de jornais, com fotografias nossa em reunião no Colégio Anchieta em 2001; fotografia de uma audiência na época do Ferronato no Country Club – talvez tenha sido essa que tenha mencionado do Separador -, em que nós temos as assinaturas, que foi organizada por nós, de 107 participantes da comunidade. E o projeto original das bacias era de bacias de amortecimento abertas, esse era o projeto original! E por que elas foram fechadas? Por solicitação e exigência da comunidade! Eu tenho recorte de jornal em que a Daila, presidente da Associação diz: “Queremos bacias fechadas!”

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Para que possamos ter uma audiência com ordem, vou garantir a palavra à oradora. Há inscrições ainda.

A SRA. DANIELA BENFICA: O Beto Moesch pode me dizer que ele não é o meu melhor amigo.

Para concluir: durante todos esses anos, a comunidade foi ouvida, e, apesar das inúmeras brigas que tivemos – e o Ver. Beto Moesch, acho que é um dos principais testemunhos do quanto já brigamos por causa disso -, houve muitos avanços. E, sem dúvida, o do esgotamento cloacal foi o principal deles, porque no cronograma original do DMAE estava para daqui a 15 anos, coisa assim, e foi antecipado, mediante negociações. Foi uma grande vitória, e a própria conscientização de que o alagamento não é causado por Deus, pelo DEP, é causado pela sociedade, pelo processo de urbanização; há responsabilidade de cada um no alagamento. Tudo foram vitórias. Eu me incomodei muito durante esse processo, meus colegas também; e temos que admitir que houve muitos avanços.

Voltando: o Projeto original das bacias era aberto (Problemas técnicos no som.) projeto contratado, licitado, elaborado, carimbado, aprovado. E, por solicitação da comunidade, não admitiam bacias abertas. Eu concordo plenamente: a bacia fechada é muito mais cara, dificulta a manutenção, não é a solução ideal; eu concordo como técnica. Mas foi a única forma de nós viabilizarmos essas bacias. E vocês vão me desculpar, eu não estou tão louca nem tão velha assim, não tenho nem 40 anos, e não estou perdendo a memória.

Foi o que aconteceu. E ainda bem que os colegas levantaram a mão dizendo que sim, que de fato aconteceu.

Quanto à questão da bacia da Celso Luft, que originalmente era Quintino Bocaiúva, foi uma exigência da licença de instalação; havia uma licença de instalação emitida no final de 2004 para implantação daquela obra, que foi revogada pelo Beto Moesch, que na época era Secretário do Meio Ambiente, para fazer novas discussões, porque era um compromisso dele com a comunidade. Foram feitas as discussões, houve uma audiência pública no Três Figueiras Tênis Clube, aqui nessa mesma rua, com muito mais participantes do que temos aqui hoje, e depois dessa audiência foi feita a licença de instalação, que exige que a bacia só seja colocada em operação no momento em que o separador absoluto estiver executado. Então, para não esperar que o DMAE demore três ou quatro anos para executar e depois a gente vai executar a obra, continuando a morrer pessoas lá? Não. Vamos executar a obra, concomitantemente com o DMAE. E, assim que o DMAE tiver concluído as obra, com as ligações executadas, nós poderemos operar a nossa bacia. Então, é isso. Eu não estou representando o DEP, é um desabafo pessoal meu, porque, sinceramente, eu me senti ofendida aqui, na minha inteligência e na minha sanidade mental, porque a gente mudou tudo por causa dessa comunidade aqui, e agora essa comunidade vem dizer que não. Eu quero saber cadê o Osório? Cadê a Cristina? Cadê a Daila?

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Obrigado.

A SRA. DANIELA BENFICA: Eu só quero dizer mais uma frase. Daila Reck, Presidente da Associação de Moradores; Osório, Vice-Presidente; e Cristina, eu quero dizer uma coisa, uma última frase: o fato de eu não ter participado de uma discussão não quer dizer que ela não tenha existido.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Obrigado, Daniela. As inscrições ainda estão abertas. Quem quiser se manifestar pode se inscrever aqui ao lado, com o Sandro. A Sra. Lina Zardo, moradora do bairro Três Figueiras, está com a palavra.

A SRA. LINA APARECIDA ZARDO: Boa-noite a todos. Eu estou perplexa com o que eu estou ouvindo aqui e muito admirada com a fala da engenheira. Sou médica, professora de Medicina, mas sou moradora do bairro há 46 anos. Fiquei perplexa por saber que tinha que um morador ligar o seu esgoto. Alguma vez a Prefeitura mandou algum aviso disso? Como é que eu ia saber isso? Como eu iria saber? Então eu não fiz. Eu fico perplexa como é que nós somos tão atrasados, gente. Como nós somos tão atrasados? Há anos as coisas não andam. Essa senhora, que segue toda uma tecnologia, a gente teve aqui o IPH, um exemplo de ciência, de tecnologia, e depois tu me dizes que toda técnica de vocês foi derrubada pela opinião dos moradores! Eu não posso... Não pode isso! Meu anjo, a tecnologia, a ciência tem que ser soberana! Tinha que ser explicado para essas pessoas: “Olha, não é assim!” Mas quem é que decidiu? Gente, que incompetência! Vocês me desculpem, mas é muita incompetência! (Palmas.) Olha, eu fico perplexa como nós avançamos devagar. É impressionante. Este é o meu depoimento. Por favor, quem sabe saímos daqui conscientizados que nós temos que ser mais técnicos, mais lógicos, mais produtivos, mais coerentes, mais competentes. Sei lá, mais tudo! Agora, gasta-se um monte para dizer que está errado. Até quando vai acontecer isso no Brasil? Quando vamos terminar com isso? (Palmas.) Vejam que aqui é a fala de uma pediatra que luta por saúde correta. Boa-noite!

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Muito obrigado. A Ver.^a Sofia Cavedon está com a palavra.

A SRA. SOFIA CAVEDON: Quero dar boa noite aos Vereadores, à comunidade, em nome do Fernando e do Bronzatto, que estão liderando essa indignação, demonstrada agora na palavra da Sra. Lina. A gente recebe a comunidade – acho que este é o primeiro ponto. Vou falar muito objetiva e pontualmente. Primeiro, nós recebemos muitas vezes a Associação de Moradores para termos diálogo com a Prefeitura, porque não há um entendimento, não há uma compreensão, não há uma previsão, não há uma antecipação, por mais – e eu respeito a colega municipal – que possam ter havido reuniões. A Associação de Moradores, por exemplo, ficou estupefata, aqui, quando ouviu a informação de que os moradores deveriam fazer a ligação. A Associação, que é empenhada, que é envolvida, que é mobilizada, não sabia também que deveria orientar

seus associados e moradores para fazerem essa ligação. E aí precisa a Câmara de Vereadores fazer interseção, precisa fazer audiência, precisa fazer comissão, porque não acontece – e o Fernando, aqui, me traduzia o problema –, só que tem aqui no Bairro a empresa terceirizada, no cotidiano. E aí ela não tem informação para dar, do antes, durante e depois; ela vai fazer a sua obra, e, muito menos se não for o engenheiro responsável. Então, eu acho que isso é o primeiro ponto. A gente ligou várias vezes para o Ernesto sobre esse tema, pediu que recebesse a Associação, pois o pessoal está dizendo que está misturando. Agora nós estamos todos surpresos. Eu estou surpresa porque eu achava também que não tinha sido feito o encanamento para o esgoto cloacal aqui no Três Figueiras. Eu entendi que está realizado. No bairro Chácara, eu entendi que está sendo feito, que ainda não está concluído. Na minha opinião, esse ponto é fundamental. Eu não vou nem entrar na polêmica da decisão, que aqui já está traduzida, se fechou, se abriu. Sou defensora de que o técnico dialogue muito com a comunidade, porque eu acho que todo saber não está na técnica, está na mediação. Mas, há momentos em que a determinação técnica tem que se estabelecer: que é impossível fazer de um jeito e tem que se fazer de outro.

Então, eu não vou entrar nessa polêmica e no processo que eu não vivi, vindo de outros movimentos. Mas, quero, neste momento, defender que desta reunião saia um procedimento para fazer essa separação. Porque, enfim teremos as bacias, temos que resolver o problema de drenagem dessa Região. E esse procedimento tem que ser azeitado, combinado com a Associação de Moradores. Cada morador tem que receber a informação, inclusive a orientação técnica de como fazer. Não é possível que vocês tivessem que adivinhar e utilizar algo que está inclusive... Bom, sobre quem tem que fazer eu não sei, acho que a discussão... Até eu duvido que os moradores se neguem a fazer, o que mais querem é que seja feita a separação. A gente sabe que a primeira Estação de Tratamento de Esgoto inclusive elevou para 27% o esgoto tratado, é a São João/Navegantes. Ela está aqui disponível para tratar o esgoto que o resto da Cidade ainda não trata. Então, o que mais nós desejamos, com a consciência ambiental que nós temos, é utilizar esse encanamento e tratar o esgoto, que as bacias recebam a água da chuva mesmo.

O que eu quero dizer é que pena que a Câmara de Vereadores tem que vir aqui explicitar incompreensões, falta de diálogo da Prefeitura com a comunidade, principalmente quando

a comunidade é organizada. Porque, afinal, a gente tem tantas comunidades que não conseguem se organizar, que não conseguem buscar diálogos. Não é o caso desta. Inclusive é uma organização que tem conhecimento técnico, profissionais, é um luxo para a Prefeitura! Governar com uma comunidade como a de vocês, Fernando, Bronzatto, é um luxo! Dispensar esse diálogo é um desastre! E é o que a gente assistiu aqui. Eu espero que esta reunião coloque em outro patamar esse diálogo. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Obrigado, Ver.^a Sofia Cavedon. O próximo inscrito é o Sr. Raul Campezzatto, engenheiro civil e morador do bairro Três Figueiras.

O SR. RAUL CAMPEZZATTO: Boa noite a todos. Eu acho que nós deveríamos pensar daqui para frente, porque a nossa história de lutas e brigas das Associações Amachap e Três Figueiras perdura por mais de 30 anos. Entre 1981 e 1982, houve aquela primeira enchente, e várias pessoas dos nossos bairros já começaram a se engajar e lutar. A briga, como bem falou a engenheira Denise, pelo DEP... Eu brigo muito com o DEP, mas eu gosto do DEP; é um filho nosso, do DMAE, eu sou aposentado do DMAE, trabalhei 30 anos lá, com outros colegas aqui. A nossa intenção era que se fizesse um serviço convencional, ou seja, as redes tradicionais. Como nós estamos na cota 30, 35, 40 de contribuição, as nossas águas poderiam – o Guaíba ou o Gravataí – por gravidade, sem problemas maiores. Acontece que fomos deixando, omissões e omissões, de todas as administrações. Falo por 40 anos. Fomos deixando ocupar os talvegues das beiras dos riachos, áreas verdes, eram Áreas de Preservação Permanente – APPs. Então, o que é que acontece? Quando tu não trata a doença, vais ter que fazer cirurgia. E as bacias, para nós, são a cirurgia.

A Daniela falou na cronologia. Realmente, é verdade, colocariam em nossas praças, e perderíamos as praças. Evidente, indo água mista, servida, das bacias para as praças, que seriam bacias, ficariam resíduos. E não tem manutenção do DEP – a verdade é essa. O pessoal da equipe de projetos é boa, trabalha bem. Já a equipe de manutenção não faz a manutenção preventiva. Faltam recursos, gente. Então, nós sabemos a cantilena que é. O que é que vai acontecer? Daniela, a bacia é o que eu acho ideal. Por exemplo, o Parque Germânia, que tem um solo natural, com vegetação natural que cresce e morre,

recebe água, esvazia lentamente e não interfere no nosso processo urbano. As bacias projetadas interferem, usam praças. Praças não são para isso.

Depois de muitas discussões, realmente, os moradores disseram que aceitavam uma bacia, desde que fosse coberta e que fosse na praça. Aí vão e vêm as negociações, acaba que não tem lugar, não tem dinheiro. Foi feita uma primeira na Praça Joaquim Leite, e está sendo feita uma segunda, interligada a essa, senão precisaria de outra licença.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Daniela, se eu conceder apartes, a reunião será interminável.

O SR. RAUL CAMPEZATTO: Perfeito. Bom, então, a solução... Nós estamos, agora, digamos, neste brete. Realmente, o DMAE começou a usar o sistema separador nos bairros Três Figueiras e Chácara das Pedras. Há ruas que ainda não têm esse sistema separador – a minha rua é uma delas. Eu conheço rede mais do que ninguém, modéstia à parte. Então, não tem. Então, os dois bairros – Vila Jardim e Bom Jesus -, que são contribuintes dessa bacia, e lá não tem rede, perdurando o problema da mistura de redes. Então, eu acho que nós não estamos aqui e nem devemos... Nós estamos recebendo obras, melhorias da Prefeitura – esse é o lado bom da questão, mas as coisas têm de ser melhoradas. Realmente, faltaram informações. Eu não estou mais na diretoria da Amachap, afastei-me há quatro anos. Eu não sei como é que estão essas relações, tenho visto queixas.

Os nossos bairros Três Figueiras e Chácara das Pedras, somados, contribuem para a vazão da bacia um pouquinho menos de 20%; já a Vila Jardim em torno de 11, 12%; Bom Jesus, 2%, que é uma parte pequena lá em cima. Essas áreas como a Bom Jesus, onde está o Posto de Saúde, onde está a Vila da Paz, eram áreas verdes, APPs, áreas ideais para fazer essa bacia natural.

Agora, voltando à bacia natural aqui da Praça Zaniratti, foi feita uma bacia bonita, tem uma barragem. Sabe que a barragem foi destruída, é uma sujeira aquilo. Quem quiser ir lá, a duas, três quadras daqui, vai ver que não é feita a manutenção.

Então, que saia desta reunião um programa, um plano do DEP de manutenção, que saia da área de projetos, porque, a esta altura, os acontecimentos já aconteceram. Façam um plano de manutenção, fiscalizado pela Câmara, que haja verbas para o DEP para fazer isso. É só terminar aqui a reunião e dar uma passadinha ali, por favor, que vocês vão enxergar. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Obrigado, Sr. Raul Campezzatto. O Ver. Beto Moesch está com a palavra.

O SR. BETO MOESCH: Boa noite, Presidente, representantes do DEP, DMAE, colegas. Bom, eu vim aqui, porque achava que devia colaborar com esta reunião, eu participei muito deste processo, não em 1999, mas a partir de 2001, quando assumi a Câmara de Vereadores.

O Projeto original previa bacias em várias praças, não só em duas praças. Não me lembro mais do nome das praças, mas uma era na Rua João Paetzel, na Praça Dr. Lopes Trovão, enfim, e nós eliminamos isso. O Projeto original previa em mais praças. Por quê? Porque nós temos uma cultura do tipo: onde é que nós vamos colocar as coisas? Coloca nas praças. Terminal de ônibus, posto de saúde, bacia de contenção, Secretaria do Meio Ambiente, sede de associação de bairro, coloca na praça! É uma cultura porto-alegrense lamentável. E continua sendo assim. Fizeram uma UPA, há pouco tempo, no Terminal Triângulo.

Mas, enfim, por isso, talvez, a ideia simplista, técnica, de colocar nas praças. Claro que a população se rebelou, até porque é em praças já existentes e não em praças novas, porque nós não temos a separação absoluta do esgoto cloacal e do esgoto pluvial, ao contrário da Europa, onde se faz bacia de contenção em praça. Lá até o esgoto pluvial é tratado – até o pluvial é tratado; aqui, nem o cloacal é, ou melhor, não é tratado e ainda se mistura. Então, houve uma reação.

Essa bacia de contenção nas praças Celso Luft e Joaquim Leite, pela informação que tenho, só se mudou, é uma contrapartida exigida do Ministério Público ao Jardim Europa. Pode ter alguma verba pública aí. Só se mudou. Na minha época, era uma exigência do Ministério Público, a título de contrapartida, ao Jardim Europa. Isso é importante trazer, até porque a própria população da região exigiu mais contrapartidas com relação à

drenagem urbana, porque, óbvio, o Jardim Europa impermeabilizou muito essa região toda. Isso é importante ser trazido à tona.

Bom, eu recebi, como Secretário, a licença de instalação e não a assinei. Por quê? Bom, às vezes, uma posição técnica não quer dizer que seja a melhor. Tem gente que não acredita em mudança climática, embora a maioria dos cientistas acredite nisso. E aí? Então, eu não assinei a licença de instalação daquela maneira, porque ela contemplava praças e bacias abertas, e, em virtude dum problema grave que ocorreu no Parque Marinha do Brasil, de falta de manutenção, a população não queria bacia aberta, em virtude de um precedente muito ruim, que se superou porque o DEP passou a limpar a bacia de contenção aberta do Parque Marinha do Brasil, e ela nunca mais deu problema – que eu tenha conhecimento, ao menos, já que houve a manutenção lá.

Então, é importante que as pessoas saibam, principalmente os técnicos, que, às vezes, a população tem que ter segurança para os projetos, por melhor que sejam os técnicos.

O que nós não fizemos – e quero, aqui, render homenagem ao Teixeira, que foi um grande parceiro, que entendeu, enfim, que procurou... A gente buscou o consenso, e o consenso é isto: “Bom, nós temos que abrir mão de posições, muitas vezes”. Se dependesse de mim, não se licenciava nenhuma praça, pois acho que praça é praça, que bacia de contenção é bacia de contenção, que UPA é UPA, e que terminal de ônibus é terminal de ônibus. Bom, mas o consenso chegou à população da seguinte maneira: não se faz mais bacia de contenção nas praças Lopes Trovão e Guerra Blessmann... Inclusive, na praça Guerra Blessmann, nós fizemos uma grande compensação ambiental ali, ela ficou muito bonita, a Lopes Trovão nem tanto, mas, enfim, houve um grande acordo com a população, foram feitas várias Audiências Públicas... No Country Clube, inclusive, foi na nossa gestão, com o Teixeira, assim como aqui também; da época do Ferronato, foi aqui perto, na Prudente de Moraes.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Vereador, para concluir.

O SR. BETO MOESCH: Para concluir, o que nós exigimos na licença de instalação, que eu imagino que esteja valendo: primeiro, só vai poder operar – portanto, não tem licença de operação ainda, ou não deveria ter – depois da reparação absoluta dos esgotos cloacal e pluvial. Então, não há problema de fazer a obra, que é a licença de instalação,

porque só vai poder operar com a separação absoluta; exigência da população, atendida pelo então Prefeito José Fogaça – houve uma mudança Orçamentária para fazer isso na época; segundo, nós exigimos, porque a população assim o quis, o quê – tudo num acordo, foi um consenso? Bacias cobertas, não abertas, e a manutenção de seis em seis meses, independentemente do volume de chuva. Porque, quando vier a chuva, também tem que ter imediatamente a limpeza. Então, todas as preocupações, com exceção de ter que se colocar em praça, foram contempladas nas licenças. Essa é síntese de um processo. Claro que nem todos se sentiram totalmente contemplados, mas isso faz parte da democracia, da busca do consenso. E, pelo o que tenho conhecimento, isso está sendo feito. Com relação à ligação do esgoto cloacal, bom, talvez, tenha sido uma falha, não sei, de não avisar, mas, no momento em que tem uma rede cloacal, é uma obrigação, faz parte, por parte do morador, do proprietário, ligar na rede cloacal! A Prefeitura Municipal faz a obra da separação, dos canos; a ligação até esse cano público é do proprietário! Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Agradeço. A próxima inscrita é a Sra. Marcia Romagno, moradora do bairro.

A SRA. MARCIA ROMAGNO: Boa noite, ao contrário da doutora, que mora há 40 anos no bairro, eu moro lá há três meses, mas, no decorrer da aquisição da casa nova, um sonho muito antigo, aquela coisa toda, se descobriu que a documentação não estava bem correta, e que uma das coisas que precisava seria fazer esta ligação do nosso esgoto cloacal até aquela caixa que, depois que se abriu, se viu que estava bem limpinha, bem bonitinha, que nunca tinha sido usada. Então, eu gostaria, com a minha pouca experiência de fala, de pedir, solicitar... Realmente, eu conversei com algumas pessoas – como moradora nova, a gente não tem tanto relacionamento com os vizinhos – e ninguém sabia sobre isso. E, se não fosse a documentação da casa não estar correta, eu também não ficaria sabendo. Então, como diz a minha mãe: se a Prefeitura fez o papel dela, é uma lástima que o esgoto cloacal não esteja indo para o lugar certo, já que a caixinha estava pronta, entende? Então, hoje à noite, eu gostaria de entender realmente isto: como é que é mesmo? É a Associação de Moradores que tem bater à porta e avisar que tem que fazer? Que, como a Prefeitura já fez o seu papel, é o morador, então, que tem que

fazer? Eu não sei o custo disso – a obra já está acontecendo há duas semanas, de arrancar grama, já há buracos e canos – porque o antigo proprietário se viu na responsabilidade e assumiu esse custo. Então, eu não estou sabendo quanto está custando. Na nossa casa, nós não temos a documentação por causa disto: porque falta vir o DMAE, na segunda que vem, para olhar a obra sendo executada. Então, as duas moradoras ao lado, que eu conversei, nunca tinham ouvido falar sobre isso. Então, é isto que eu solicito nesta noite: como vai ser feito isso? Se a Prefeitura fez o principal, como os moradores vão ser comunicados? Pela Prefeitura, ou, só quando venderem a casa, na hora da documentação, é que se vai descobrir uma coisa dessas? Não sei se fui clara, mas seria isso. Obrigada. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Obrigado, Sra. Marcia. A Sra. Terezinha Verzoni, moradora do bairro Três Figueiras, está com a palavra.

A SRA. TEREZINHA VERZONI: Vou precisar de pouco tempo. Na realidade, eu acho que o técnico tem que levar a comunidade a entender o processo. Eu não acredito que, se me disserem que eu vou fechar uma bacia e que dentro desta bacia vai ter um monte de sujeira, que não vai poder ser limpa, porque a bacia é fechada, que ali vai ter mosquitos, micróbios, o que não é o ideal, que em todo mundo... A pessoa é doutora, ela sabe daquilo ali, não tem como uma pessoa leiga não ser convencida. Então, está sendo construída uma outra bacia, e eu espero que esta não seja fechada. Vamos dar valor à pessoa que nós pagamos para estudar fora, quem sabe até, para ser doutora. Eu acho que a gente tem que entender isso... Acho que é papel deles, e é papel nosso. Então, está sendo construída uma nova bacia, mas eu quero saber se ela vai ser fechada ou aberta. Quem poderia me responder?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. TEREZINHA VERZONI: Fechada? Por quê?

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): A Diretora Denise, depois, no final, responde a todas as perguntas, para que a gente não faça debate agora, mas, depois, no final.

A SRA. TEREZINHA VERZONI: Não vou fazer debate, só que, na realidade, nós... Houve um erro da comunidade, mas também houve um erro dos técnicos, que não foram suficientemente capazes de explicar para a comunidade o que está acontecendo. Foi erro dos dois, vamos combinar. E, agora, nós vamos persistir nesses erros, então.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Obrigado, Sra. Terezinha. O Sr. Luiz Paulo Nejar, engenheiro civil, está com a palavra.

O SR. LUIZ PAULO NEJAR: Sr. Presidente, Srs. Vereadores, demais membros, residentes, meus amigos, inicialmente, quero me apresentar a vocês – sou morador há 40 anos no Bairro e vou ser bem objetivo, pois não gosto de conversa fiada: eu sou engenheiro, fiz perícias para a Justiça durante toda a minha vida – Juiz não quer saber de conversa fiada, quer saber se as coisas são, assim, assim, assado -, e eu vou botar as coisas na mesa para vocês. Hoje, nós estamos falando das bacias de acumulação, meus amigos, e nós temos outros problemas muito graves para resolver, senhores Vereadores, principalmente com a EPCT. Mas estamos falando, hoje, da bacia de acumulação. Então, vou fazer um histórico. Vocês sabiam que a Rua Teixeira Mendes foi o leito de um antigo rio? É o caminho dos elefantes. É um rio que foi alimentado por uma bacia de quantos hectares, senhor representante do DEP? (Pausa.) Senhor representante, quantos hectares têm nossa bacia de acumulação, que dá origem a esse mar de lama, aqui? Quantos hectares têm?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

O SR. LUIZ PAULO NEJAR: Deveriam saber. Eu fiz muitos cálculos de esgoto pluvial e entendo que vocês deveriam saber a área da bacia, mas vocês não sabem! Mas vamos ser objetivos aqui. Eu vou lhe dizer: são mais de dez hectares de bacia de acumulação, responsável por isso.

E a bacia de acumulação, que dá origem à Av. Nilo Peçanha, onde deu aqueles acidentes... Há alguns anos, (inaudível), eram diversas bacias. Com a construção da Av.

Nilo Peçanha, nós fundimos diversas bacias numa única, e aí, meus amigos, tem o problema lá que vocês conhecem.

Muito bem, vamos falar, então, da bacia de acumulação aqui da praça. Foi feita uma piscina, tudo bem, foi fechada a piscina, mas não tem entrada de água. A entrada de água, eu que sou topógrafo, está 40cm acima do nível de água. Isso quer dizer que, agora, antes de fazer as alimentações da bacia, através das águas pluviais e cloacais, porque em muitos locais nós não temos a separação entre ambas, é necessário que a água atinja 40cm acima da rua para poder entrar dentro da piscina. Tudo bem, estão sendo feitas outras, e eu tenho certeza de que vão ser resolvidas. Eu já trabalhei na Prefeitura durante 35 anos, trabalhei no DEP também, conheço essa história toda. Trabalhei com mapas para fazer tudo isso. Então, o que quero dizer para vocês é que as coisas vão ser resolvidas. Eu tenho certeza disso. Mas está faltando, meus amigos, uma integração entre o Poder Público e nós aqui. A EPCT não nos dá a mínima. Nós temos que ter representantes do DEP que venham conversar conosco ou com representantes. Vamos fazer uma reuniãozinha no bairro Três Figueiras e vamos conversar.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Por favor, fale no microfone.

O SR. LUIZ PAULO NEJAR: Desculpe, eu não estou falando no microfone. Então, vou dizer para vocês o seguinte: é necessária uma integração maior entre o Poder Público e nós. Porque nós estamos sofrendo com isso e, muitas vezes, estamos sofrendo de uma maneira muito perigosa.

Eu, quando estava na Prefeitura, há alguns anos, recebi uma informação de que havia uma rua transversal onde a água entrava e invadia as casas, as residências. Eu não me lembro o nome da rua, parece-me que é aquela do supermercado, que tem aqui em baixo, e todas as residências tinham um murinho e uma escadinha, de mais ou menos um metro, para a água não entrar. O que fiz? Fiz uma bacia, como se fosse, e nunca mais entrou água. Ou seja, foi resolvido. Era um processo que ficou por 20 anos parado na Prefeitura.

Então, nós temos que dar solução, para isso nós temos técnicos, e não ficar na conversa fiada. Isso não resolve nada. Bem, se quiserem fazer alguma pergunta, estou à

disposição de vocês. Espero ter sido bem objetivo, a minha vida sempre foi assim e continuará sendo. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Obrigado, Sr. Luis Paulo Nejar, que é morador e também engenheiro civil. A próxima inscrita é a Sra. Letícia Marantes, da Associação dos Moradores do Bairro Três Figueiras.

A SRA. LETÍCIA MARANTES: Do que eu escutei, do que a gente já sabe, e o que já tem antecipado aqui, a minha dúvida é a seguinte: quando vão fazer esse tratamento de esgoto nas ruas aqui? Em algumas foi feito. Agora, eu escutei, há pouco, que precisava ser feita uma fiscalização de cima. Por mim, moradora, ficar cuidando o que fizeram na rua de cima, na do lado, mas na minha não? Ninguém passou, ninguém abriu? E ainda fico sabendo que estão cobrando que tem caixinha limpinha, arrumadinha para ligar. Mas nem fiquei sabendo disso! Sou moradora há 30 anos daqui. E também fiquei surpresa, e não só eu, outros moradores de outras ruas também do bairro, que não passaram e não ficaram sabendo de nada disso. Então eu só queria uma informação: como eu faço para eu poder fiscalizar? (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Muito obrigado, Sra. Letícia Marantes.

A Sra. Maria Lourdes Cauduro, moradora do bairro Três Figueiras, tem três minutos.

A SRA. MARIA LOURDES CAUDURO: Eu quero me dirigir às autoridades municipais e aos moradores do nosso bairro. Das autoridades eu quero saber onde se consegue, como eu posso conseguir esse estudo que fizeram dessas bacias. Porque nós temos engenheiros no bairro, meu marido é um deles, engenheiro hidráulico, professor da Universidade Federal, e nós queremos, então, olhar esses estudos feitos. Segundo, eu quero saber qual é o custo dessa ligação que nós, moradores, de novo, temos que pagar. Porque nós pagamos o IPTU mais caro de Porto Alegre, e as nossas ruas continuam esburacadas. A gente chama, eu ligo para o 156 e o retorno é mínimo. Quer dizer, o Poder Público está atendendo minimamente às necessidades da população, e isso é visível nas cidades brasileiras, é visível em Porto Alegre, é visível nos bairros, nas ruas, nas estradas, na Saúde e na Educação. E nós pagamos por isso. Nós pagamos os

salários de vocês, autoridades. Então nós queremos, eu quero uma previsão de custos e eu quero acesso a esses estudos, porque agora nós vamos nos empenhar, como Associação do bairro Três Figueiras, junto com pessoas especialistas na área, nós temos vários professores universitários aqui no bairro e nós vamos fazer um estudo e queremos os documentos para isso. É isso. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Obrigado, Sra. Maria Lourdes Cauduro, moradora do bairro Três Figueiras. Bom, não há mais inscrições. Há uma pessoa que já se manifestou, mas gostaria de falar novamente, que é o Sr. Felipe de Oliveira, que aqui representa a Associação dos Moradores da Chácara das Pedras. (Pausa.) O Fernando terá o direito, evidentemente, como requerente, de falar. O nosso Regimento prevê uma inscrição por pessoa. Eu consulto o Plenário se é possível nós abriremos essa única exceção. Porque, se eu abrir novamente para todos, nós iremos para uma reunião interminável. Nós tivemos nove inscrições. Teremos mais uma porque, pelo nosso Regimento, são dez inscrições. Eu consulto se há algum problema para nós abriremos essa exceção, apenas esta. É possível? Não há problema algum? (Pausa.) O Sr. Felipe está com a palavra por cinco minutos.

O SR. FELIPE DE OLIVEIRA: Senhoras e senhores, já nos cumprimentamos, eu só queria pedir desculpas se eu ofendi alguém. O meu objetivo absolutamente não era esse. Sempre lutei por essas comunidades, por todas essas causas, e a minha luta é uma luta no campo das ideias. A gente diz luta, mas é luta no campo das ideias, no campo da formação, do estudo, como disse a nossa querida vizinha moradora. Nós temos que trazer os problemas, porque nós temos muitas pessoas que entendem do assunto e a gente pode dar sugestões. E eu tenho convicção formada de que esse sistema de bacias cobertas não vai funcionar. É muito mais caro. Com o dinheiro que se gastou nessa, já se teria feito todo o sistema, porque é um sistema integrado, senhores. Não adianta construir um elefante branco aqui e esperar que a água venha toda para cá e dizer: bom, enquanto isso, não enche em outros lugares, porque tem que vir primeiro a água para cá. A água não segue esse tipo de instrução. A água segue o seu curso natural. E a gente vai ter que sacrificar, infelizmente, as praças, porque está morrendo gente. É a solução que resta. Nós tivemos que fazer o Conduto Forçado Álvaro Chaves, custou o “olho”, custou os

“tubos”, mas tivemos que fazer, porque não tinha outra solução. Chega uma hora em que a gente não tem outra saída, ou vai morrer gente. Então, vamos ter que sacrificar. E essas bacias de contenção em praças, se forem bem estudadas e bem construídas, podem ser feitas até com grama, com vegetação, com soluções muito mais baratas, mais simples e que funcionam. Então, eu não tive a intenção, absolutamente. A minha luta é sempre no campo das ideias, eu estudo muito isso, eu gosto muito desse assunto de hidráulica. Nós temos aqui, realmente, o IPH, que é um centro de excelência mundial. Então, nós estamos tranquilos, nós temos várias pessoas que entendem do assunto. Eu só quero pedir desculpas.

O SR. EDUARDO MARTINEZ: Eu sou arquiteto há 35 anos, ou até mais, e eu vejo que quando se fala em transparência, parece-me que essas nossas reuniões nunca cultivaram isso, porque a coisa mais transparente, mais visível, seria chegar aqui com um projeto, com uma projeção, mostrando o que vai ser feito, com todo mundo vendo o que vai se fazer. Hoje, a tecnologia permite, tranquilamente, que se faça uma demonstração, brilhante até, com tudo que se possa. “Ah, agora aconteceu isso.” Eu nunca vi isso aqui, nas nossas reuniões. A gente fica se enganando, se enganando, dizendo que está querendo... (Palmas.) Então, o tempo passa, já faz 11 anos, não é?

Eu ouvi, em uma certa ocasião, só para não deixar de dar uma “bicada”, um Diretor do DMAE, na época, dizer: “Em três meses isso aqui estará pronto.” Na época eu não entendi aquilo, eu pensei: “Ele está brincando, ele veio aqui brincar com a gente, pensa que nós não entendemos nada.” Quer dizer, isso já tem quase dez anos... não tem tanto... Então são essas coisas.

Lamentavelmente, parece-me que essas nossas reuniões se reduzem a uma grande farsa, e a gente fica se iludindo mais um pouco. (Palmas.) Tem que fazer uma coisa com a visibilidade necessária comprovada. Gostei muito da senhora que esteve aqui, a Sra. Cauduro. É isso aí, tem que buscar esses documentos e mostrar para a gente, porque nós temos capacidade para enxergar tudo isso. Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Sobrou um minuto ainda. Pois bem, um dos requerentes, que é o Vice-Presidente da Associação do Bairro Três Figueiras, o Fernando Dalmolin, também solicitou uma segunda fala, que está concedida.

O SR. FERNANDO DALMOLIN FERRAZ: Em resumo, a obra está sendo feita, e vai ser feita dessa forma, fechada, querendo ou não. Então a gente queria, de forma objetiva, que o DEP e o DMAE nos respondessem algumas questões. Para o DMAE: as redes foram feitas nos dois bairros, Chácara das Pedras e Três Figueiras, e gostaríamos de saber em quais ruas foram feitas. Gostaríamos de ter acesso à documentação, aos mapas dessas ruas. Gostaríamos que as ligações fossem executadas pelo DMAE, e, se for o caso de haver cobrança, que depois se veja com os moradores ou que o DMAE se empenhe para ligar essas redes. Não adianta fazer as redes e deixá-las paradas, e nem informar aos moradores que a rede está lá, existente. Então, essa é a solicitação, dos separadores, para o DMAE.

Com relação às bacias e à obra, gostaríamos de saber quando é que vai acabar a obra do DEP? Qual é o prazo? Quais são os valores investidos nas duas bacias? Há valores públicos? Há valores do PAC? Há contrapartida, referida pelo Beto Moesch? A gente quer detalhes disso.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

O SR. FERNANDO DALMOLIN FERRAZ: Também queremos informações sobre o licenciamento ambiental e prazos de término. Como será feita a limpeza e a manutenção dessas bacias? Qual é a periodicidade? Quem fará? Como será feita? São questões práticas que gostaríamos que fossem respondidas pelo DEP e pelo DMAE. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Encerramos a etapa das manifestações. Eu passo a palavra ao Sr. Alfredo Artur Dörn.

O SR. ALFREDO ARTUR DÖRN: Houve diversas manifestações que, de certa forma, colocam a questão da falta de informação ou algo semelhante. Também reconheço a autoridade do Ver. Todeschini, por ter sido Diretor-Geral do DMAE, e da Ver.^a Sofia. Efetivamente, eu não tenho aqui o nome das ruas porque, como diz o Martinez – que me conhece há muito tempo, mas não se lembra de mim, todo mundo falou das suas qualidades, e eu trabalho há 40 anos com saneamento, em diversas cidades do Estado -,

as redes foram executadas. No bairro Três Figueiras foi executada, no bairro Chácara das Pedras foi feita uma parcela de 70%, está em fase de cadastro e, no Orçamento vindouro, está prevista a conclusão, e acho que uma parte pegando o bairro Bom Jesus também.

O que acontece, fazendo uma analogia, em relação a quem liga o quê? Se houver uma rede d'água na rua e você quer água, você vai ao DMAE e solicita a ligação de água. O DMAE faz a ligação até o cavalete, onde fica o hidrômetro. Dali para frente, o morador tem que fazer, o DMAE não faz para dentro da casa do morador. O que eu disse, e o Dr. Todeschini sabe bem, é que o DMAE já fez a ligação. O DMAE colocou, na frente da casa de cada usuário, uma caixa de calçada, que é o desconector entre o público e o privado. O que o morador tem que fazer é a ligação da sua casa até a caixa de calçada. Essa o DMAE não cobra, essa o morador faz às suas expensas, mas não paga ao DMAE; paga a um instalador, a um pedreiro ou a alguém que o faça. Se não houver a caixa, aí sim. De qualquer forma, a notícia da disponibilidade das redes é lançada em jornais de alta tiragem. Então, talvez não tenha havido a leitura, ou talvez o DMAE realmente não tenha sido tão efetivo na notícia da existência das redes.

Quando se fez o bairro Chácara das Pedras, distribuíram panfletos para cada casa. Talvez o panfleto não tenha chegado a vocês. De qualquer forma, está aqui o meu colega Gabin, que trouxe uma série de panfletos orientando como as pessoas devem se conduzir, perante o DMAE, para então saber a notícia ou solicitar esta famosa ligação do cloacal para a rede específica.

Quanto às plantas e projetos, pela lei da transparência, estão disponíveis, basta encaminhar a solicitação e serão doadas ou ofertadas essas plantas. De minha parte era isso. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): A Sra. Denise está com a palavra.

A SRA. DENISE CANTARUTTI: Vou tentar fazer uma geral sobre tudo que foi falado aqui, explicando pontualmente cada coisa e depois vou pedir que a Daniela explique alguma coisa mais técnica que houver, porque ela se dedicou sempre a esse estudo.

Eu percebi que as perguntas se repetem muito, e um assunto que foi bem citado é a questão da bacia da Praça Celso Luft, que já foi executada. Essa bacia foi executada com recurso de contrapartida do empreendimento citado pelo Ver. Beto Moesch. O

empreendedor fez o depósito do recurso para a Prefeitura e esta executou a bacia. As demais obras, que estão sendo executadas no momento, têm recursos de financiamento através do PAC e têm contrapartida do Município também.

Quando o Felipe começou sua fala, eu comecei a ver a Daniela ficar nervosa e aí eu pensava assim: o Felipe não ia às reuniões que a gente fez, a todas aquelas audiências? Eu entrei em 2005 no DEP, então eu participei dessas reuniões a partir de 2005. Porque, quando ele falava, parecia que eu estava ouvindo os técnicos do DEP falarem. Todo o debate que houve na época era este: os técnicos defendendo as bacias abertas e com taludes em grama, conforme o projeto, e a comunidade solicitando esse fechamento. A gente debateu muito em relação ao custo que se elevou, tanto que tivemos que fazer a implantação desse sistema de drenagem dividido, porque não tínhamos o recurso todo, usamos aquela contrapartida, naquele momento, para executar aquela bacia e essa bacia não está em funcionamento. Então, isso é uma coisa que eu ouço muito: “Foi feita e não adiantou nada!” Ela não está em funcionamento, porque nós temos um condicionante da licença de instalação, que diz que o sistema só vai entrar em funcionamento quando for implantado todo o sistema de separador do cloacal do pluvial. Então, não está em funcionamento mesmo. Só que estamos aproveitando as oportunidades, o DEP nunca teve tanto recurso disponível – não é, Daniela? –, através de financiamentos, então estamos aproveitando as oportunidades para implantar todo o sistema de drenagem da Cidade. Se vocês analisarem, nós temos feito obras em toda a Cidade, melhorando a drenagem significativamente.

A implantação está sendo feita num momento de oportunidade mesmo do recurso e só vai entrar em funcionamento conforme a licença de instalação. O Ver. Carlos Todeschini perguntou se há licença de instalação, e há licença de instalação, tanto que as duas que o Ver. Beto Moesch citou, da Praça Lopes Trovão e da Praça Luiz Blesmann, não estão no planejamento do DEP para serem executadas, porque não têm licença de instalação. Então, tudo o que estamos executando tem licença emitida. Na época das discussões, o Ver. Beto Moesch, então Secretário da SMAM, revogou uma licença já emitida, acho que era a da Praça Lopes Trovão – não é, Daniela?... Então, só vai ser executado o que tem licença, autorização e estudo.

Respondendo às colocações da Sra. Lina quanto à alteração do projeto. Como não sou política – sou arquiteta, estou Diretora do DEP, mas não tenho perfil político –, eu sempre

brinco assim: “é muita democracia”, quando começa muito debate, muito debate, muito debate! É que a nossa Cidade vive um processo democrático, nós temos que ouvir as pessoas, e, na época da discussão, era uma discussão extremamente qualificada, ninguém aqui perdeu na discussão com a comunidade, não foi isso; foram somadas as informações, nós recebemos, inclusive, propostas de projetos dos representantes da sociedade, que são extremamente... Vocês viram nas manifestações aqui, são engenheiros que estão falando, não são pessoas que não têm conhecimento nenhum. Então, analisamos projetos e propostas, e a solução final foi decidida juntando todas as condicionantes que estavam sendo debatidos.

Quanto à manutenção da Bacia, o DEP também tem essa preocupação, é claro, tanto que a proposta era de bacias abertas, porque estamos avançando muito em questão de manutenção, e não só de bacias, mas das redes, em que está sendo feita a manutenção preventiva. A dragagem do arroio Dilúvio, vocês podem ver, é uma constante: quando ela chega a um ponto, ela volta e continua – nós temos um convênio que mantém essa dragagem. Então, nós estamos avançando. A do Parque Marinha do Brasil também tem uma periodicidade acordada e está sendo cumprida. Só que – e isso é uma coisa óbvia -, se a bacia é aberta, a gente vê a condição dela, vai lá e limpa e faz a manutenção. E vocês mesmos podem avaliar. Ela, fechada, vai ter a característica das nossas redes, mas não quer dizer que não seja feita a manutenção e a limpeza. Será estabelecido um cronograma de limpeza e de manutenção. Vai ser mais difícil para a população acompanhar a situação da bacia, mas vai ser montado um cronograma de manutenção e ele vai ser executado.

Quanto à disponibilidade dos estudos e quanto à apresentação dos documentos, o que foi falado aqui, em todas as audiências que houve ao longo dos anos – vou falar das de 2005 para cá –, nós levamos as cópias das plantas, levamos toda a documentação de Plano Diretor, fizemos apresentação em PowerPoint mostrando toda a topografia da região e a proposta. Estamos à disposição, sempre, para mostrar os documentos, para debater; é só fazer uma solicitação do que se quer, se quer ir ao DEP. A Daniela – vocês podem ter visto pela fala dela – se irrita um pouco porque ela já fez muitas e muitas reuniões sobre este assunto, mas não há problema nenhum, nós vamos mostrar tudo o que for preciso, os documentos estão à disposição da população.

Quanto à questão de serem em praças as bacias, essa região aqui... É óbvio que a praça é mais fácil no todo, no geral é mais fácil por não ter que desapropriar nenhuma residência. Essa é uma região urbanizada, mas essa região também tem uma característica que, por ser uma região alagável, ficou para praça o pior local, os pontos mais baixos. Então, naturalmente, se a gente fosse escolher um local para a bacia, seria os pontos das praças porque são os pontos mais baixos. Teria como direcionar para outra rede, mas isso envolveria uma elevação de custos porque teria que haver desapropriação de alguns locais.

Quanto à questão da Bacia da Praça Celso Luft, foi citado que a entrada é mais em cima. Não, está sendo executada a rede que vai ligar a essa bacia, então a água que vai ser conduzida... Aquele ponto que o engenheiro citou que está acima realmente ele é apenas para a água que está escoando por cima mesmo, mas vem uma rede conduzindo para a bacia. Essa bacia de amortecimento funciona da seguinte forma: há uma rede maior, que joga água dentro dela, e uma rede menor, que faz a água sair de dentro dela. Então, o que ela faz? Ela diminui a velocidade com que essa água volta para a rede pública. Isso evita que se dê o alagamento; como ela retém aquela água um tempo e joga numa velocidade menor, ela não sobrecarrega o sistema mais abaixo, então vai evitar que aconteçam mortes em função de alagamento nos pontos mais baixos.

Os prazos e os valores. Tem a LI. Essa bacia tem uma previsão... O engenheiro Rodrigo, que está ao lado da engenheira Daniela é o fiscal da obra da bacia. Tenho aqui, nas minhas anotações, um prazo de 12 meses, mas não sei se para o todo, Rodrigo, ou só para a execução da bacia... (Pausa.) Mas pode ser feito um aditivo de prazo, não é?

(Manifestação sem a utilização de microfone.)

A SRA. DENISE CANTARUTTI: Mas o prazo real seria para julho? O sistema só entrará em funcionamento quando o separador estiver implantado. Quanto aos custos, para a bacia é, aproximadamente, R\$ 1,2 milhão.

O SR. ALFREDO ARTUR DÖRN: A rede de esgotamento sanitário no bairro Três Figueiras está executada. Ficou aquela questão, que foi colocada, de quem faz a ligação. O DMAE já colocou a caixinha de calçada na frente do imóvel, como a senhora

reconheceu, só que ninguém sabe dessa caixinha. O que pode-se fazer, com uma ação, é se fazer um anúncio, para cada morador da região, de que a caixinha está à disposição, e ele contrata alguém para fazer a ligação, e vai a um posto do DMAE e faz esse anúncio da conta da água, enfim. Mas a ligação da caixinha para a casa do usuário não é uma rotina normal do DMAE, isso não está caracterizado. Agora, fazer a notícia, fazer a propaganda – fazer o chamamento às pessoas, para que se interliguem – isso, sim, podemos nos comprometer perfeitamente aqui.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): A Sra. Daniela está com a palavra para responder as perguntas, para que possamos depois fazer os encaminhamentos.

A SRA. DANIELA BENFICA: Agora estou mais calma. As perguntas que eu lembro – porque não sabia que tinha que responder e não anotei – são quanto à questão da disponibilidade do material. O material está disponível no *site* do DEP www.portoalegre.rs.gov.br. Tem ali Secretarias, departamentos, DEP, tem o Plano Diretor de Drenagem Urbana, no qual constam várias outras bacias hidrográficas, inclusive a Bacia Hidrográfica do Arroio da Areia, o Plano Diretor elaborado nos idos de 1999 a 2001. Está disponível para qualquer pessoa.

Nós já fornecemos os projetos em duas ocasiões diferentes para a comunidade, não temos problema nenhum em fornecer de novo para avaliação. Temos projetos das bacias abertas, os projetos originais, e os projetos de bacias fechadas, que foram alterados em função da negociação com a comunidade. Estão disponíveis em papel, temos condições de tirar cópias, mas teriam que nos contatar lá, porque são vários volumes, teria que ver exatamente o que precisaria.

Esses projetos já foram avaliados por dois engenheiros daqui da comunidade. Um deles eu tenho certeza de que é o Engenheiro Edgar Eifler que conhecemos bem, foi funcionário da Prefeitura, aposentado pelo DMAE, e faz vários projetos para a Prefeitura – apontando como uma solução alternativa a execução de uma grande bacia de extensão. Ele não nega a necessidade de uma grande bacia de retenção no Country Club. Essa sugestão não foi acatada na ocasião, em primeiro lugar, porque teríamos que desapropriar o Country Club, que é um custo que, obviamente, não temos condições de arcar.

Em segundo lugar, estaríamos concentrando toda a solução em único ponto, então, se houvesse uma falha naquele ponto, o sistema todo falharia. No momento em que espalhamos as bacias de detenção por vários locais, uma delas está entupida, não está funcionando, houve algum problema, as outras continuam funcionando. Essa é a ideia desse sistema.

Uma segunda alternativa foi apresentada por um outro engenheiro – que não me lembro o nome, era Professor da UFRGS, talvez até seja o seu marido – que era de ampliar a bacia de detenção do Parque Germânia. Essa nós avaliamos, mas a questão é que aquela bacia de detenção do Parque Germânia ela é em outro braço do Arroio da Areia, não é neste braço, ela entra por baixo, ali no Iguatemi, no Country Club, e a bacia do Parque Germânia já foi dimensionada para o máximo possível de abatimento de pico. Então, na realidade, ampliá-la não teria efeito aqui para vocês; todos efeitos que ela poderia ter para vocês ela já teve.

Então, foram as duas soluções propostas pela comunidade que foram avaliadas, por escrito. Tenho pareceres respondendo isso. Estamos abertos para avaliar quaisquer outras que, por acaso, venham a serem apresentadas.

Em terceiro lugar, quanto à apresentação de PowerPoint sobre o Projeto, que foi levantado. Eu até peço desculpas por não ter trazido nada aqui, porque, como mencionei antes, acreditei que era um questionamento mais em função da obra em si, que está sendo executada no momento. Temos três ou quatro apresentações, mais longas ou mais curtas, em função do tempo disponível para reunião na ocasião, inclusive tenho em meu computador em PowerPoint, posso mostrar na hora em que quiserem, algumas bem detalhadas, com plantas baixas, outras mais simples, outras com todo o Plano Diretor, a concepcional da bacia. A última que me lembro, o Arquiteto Fabiano estava no DEP, ele fazia muito bem em Autocad 3D, ele fez uma perspectiva muito legal da bacia da Celso Luft; então foi apresentado, no mínimo cinco, seis vezes, só que nem todos participam de todas as reuniões. O que eu posso fazer é estar disponível no DEP para isso.

Por último: acho muito salutar que esta reunião esteja acontecendo; temos de trabalhar bastante a questão da manutenção. Agradeço a ajuda da comunidade com relação à nossa atuação, porque é um calcanhar de Aquiles que precisa ser solucionado. A Bacia fechada não impossibilita essa manutenção, dificulta, mas não impossibilita. Tem de ser feita, na fechada ou na aberta. A comunidade, se no ponto de vista do DMAE está

cobrando algumas coisas, sob o ponto de vista do DEP deveria cobrar essa efetividade maior na nossa manutenção. Não sei se faltou alguma coisa.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Acho que não. Nosso encaminhamento seria para formar uma comissão da Associação. Depois quero que o nosso Vice-Presidente da Associação, que foi quem se manifestou, formasse uma comissão da Associação, a Engenheira Daniela já se colocou à disposição, e evidentemente, tanto o DEP como o DMAE ficam à disposição para que essas dúvidas e esclarecimentos, questões mais técnicas, todos possam ter acesso, e a Câmara, através do Ver. Carlos Todeschini, pode acompanhar todas as reuniões, mesmo através de outros Vereadores, como eu, a Ver.^a Sofia Cavedon, o Ver. Beto Moesch, que estava aqui e conhece bastante o assunto. O Ver. Carlos Todeschini e também o Vice-Presidente da Associação solicitou um minuto para um encaminhamento.

O SR. CARLOS TODESCHINI: Muito obrigado, Presidente, Ver. Mauro Zacher. Coloco um pouquinho da minha experiência como diretor do DMAE: sobre essa questão das conexões, ou seja, das ligações do esgoto na nova rede: quem está dando causa para uma nova ligação é a Prefeitura, o DMAE. Pode ser feita a notificação para que os moradores façam, mas isso é complicado; haverá os mais diversos preços e critérios. Quando fiz a adequação dos esgotos na praia de Ipanema, optamos pelo DMAE fazer todo o serviço. Por que? Porque tem um preço público que passa por uma licitação, e que a empresa fará todas as ligações de casa a casa, levando varrido, levando limpo. Há muitas ligações com problemas de serem feitas. Se umas custam R\$ 200,00, outras custam R\$ 3 mil, portanto, tem de haver um preço único no conjunto. Por isso, só será eficaz executar essas ligações se o DMAE fizer, Dra. Alda. Como nós fizemos em outros bairros, em outras estações da Cidade. Ipanema foi um caso. Portanto, deixo a sugestão de que o DMAE assuma a sua responsabilidade. Eventualmente, pode repassar o preço.

O SR. FERNANDO DALMOLIN FERRAZ: Só um aviso: o Presidente da Amatrês, Sr. Valdir Bronzatto, no próximo dia 18, terça-feira, às 19h, será agraciado com o título de Cidadão de Porto Alegre. Estão todos convidados para participar. Parabéns, Bronzatto!

Câmara Municipal de Porto Alegre
Seção de Taquigrafia
Audiência Pública 13SET2012

Pauta: Debater a Construção de Bacia de Amortecimento na Praça Joaquim Leite, no Bairro Três Figueiras.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Zacher): Muitas vezes parecemos antipáticos na condução dos trabalhos, mas é para que se possa conduzir e permitir que a audiência seja bem encaminhada, eficiente, permitindo que todos possam se manifestar, e que as respostas sejam dadas por parte do Executivo. Relembro que o Fernando, Vice-Presidente, formará uma comissão da associação que continuará dialogando com o Executivo, acompanhado pela nossa Câmara Municipal. Muito obrigado pela participação de todos.

(Encerra-se a reunião às 21h14min.)